



# OBSERVATÓRIO DA CIDADE RESILIENTE



CAMPANHA  
CONSTRUINDO CIDADES RESILIENTES



**MINHA CIDADE ESTÁ SE PREPARANDO!**

**Temas Abordados:** Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes”, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

**PUBLICAÇÃO: 18/05/2020**

**THE CONVERSATION**

Academic rigor, journalistic flair

## O pior momento para uma pandemia - como o coronavírus e as inundações sazonais estão causando fome na Amazônia remota

*Por Daniel Tregidgo, Luke Parry e Patricia Carignano Torres*

Para retardar a disseminação do COVID-19, um terço da população global está confinada. Enquanto as principais cidades estão inundadas de casos, ilhas oceânicas isoladas estão entre os últimos lugares do planeta livres da doença. O isolamento, ao que parece, ajuda durante uma pandemia.

Ou faz? Milhões de pessoas vivem em cidades e vilarejos isolados da Amazônia, acessíveis apenas de barco ou avião. Muitas dessas cidades ficam a poucos dias de barco da cidade principal mais próxima e algumas das aldeias ficam a poucos dias de barco da cidade mais próxima.

E apesar de sobreviver à parte inicial da pandemia sem muitos casos, a Amazônia brasileira está passando por um grande surto de COVID-19. O sistema de saúde de sua maior cidade - Manaus - entrou em colapso apenas três semanas após seu primeiro caso confirmado, e a cidade agora está sendo forçada a enterrar muitas de suas vítimas em valas comuns. Até agora, até alguns dos mais isolados amazônicos estão sendo infectados.

### **Fique em casa ou alimente sua família**

As unidades de terapia intensiva da Amazônia são encontradas apenas em suas principais cidades, que podem estar a mais de 1.000 km de algumas cidades - aproximadamente a mesma distância de Londres a Barcelona.

Para impedir a propagação do COVID-19, muitos amazônicos estão tentando aumentar seu isolamento. Alguns grupos indígenas estão intensificando os acampamentos na floresta. Outras aldeias e até cidades inteiras se declararam fechadas ao mundo.

As amazonas rurais ainda dependem de visitar cidades locais para comprar comida, trocar e receber salários e pagamentos de assistência social. Isso apresenta um problema perverso - fique em casa para evitar o COVID-19 ou alimentar sua família.

Prevê-se que o efeito nas regiões mais pobres, onde a fome e a desnutrição já são comuns, seja catastrófico. Especialistas prevêem que a desnutrição causada pela pandemia deixará um acréscimo de sete milhões de crianças atrofiadas.

Nossa pesquisa mostra que os municípios amazônicos remotos tendem a ter serviços públicos precários, pobreza profunda e altos preços de alimentos. As populações tradicionais de moradores de rios enfrentam grande parte disso sozinha, em grande parte invisível na sociedade brasileira.

Também descobrimos que, mesmo em tempos normais, a maioria das famílias em comunidades remotas da Amazônia tem problemas para se alimentar e a maioria das crianças com menos de cinco anos é anêmica.

### **A natureza pode fornecer?**

A Amazônia é excepcionalmente rica em recursos naturais. É provável que rios e florestas estejam fornecendo algum seguro natural contra a fome.

Mas a disponibilidade de recursos naturais varia ao longo do ano. As imensas inundações sazonais permitem que os peixes se dispersem pela floresta inundada durante meses todos os anos, atingindo o pico entre abril e julho - coincidindo com o momento da pandemia. Nossa pesquisa mais recente mostrou que isso dificulta a captura dos peixes, o que significa que muitas famílias lutam para comer comida suficiente durante a alta temporada. Um terço das famílias rurais pula refeições, e a chance de não comer durante um dia inteiro aumenta quatro vezes em comparação com a baixa temporada de água.

As pessoas que vivem na planície de inundação não podem facilmente mudar da pesca para a agricultura, porque os rios inchados inundam praticamente toda a terra em muitas áreas, às vezes por centenas de quilômetros. As famílias rurais dependem de suplementar o que podem pegar ou cultivar com os alimentos que compram nas cidades locais. Isso significa fazer fila no banco, parar no mercado e voltar para casa, potencialmente trazendo o vírus com você.

O COVID-19 e o subsequente bloqueio chegaram a um momento muito ruim, pois o aumento dos níveis dos rios exacerba a fome existente, forçando muitas pessoas a escolher entre limitar sua exposição e a de sua comunidade ao vírus e comer.

A recente bolsa de emergência do governo brasileiro visa proteger cidadãos vulneráveis, como trabalhadores informais, dos impactos da pandemia. Isso pode

ajudar, mas seus benefícios podem ser compensados pelo aumento dos preços dos alimentos em áreas remotas, que nossos contatos em toda a Amazônia já relataram. Não há soluções óbvias, mas elas devem envolver ajudar as pessoas a ter uma dieta nutritiva e evitar as cidades vizinhas.

Agir rapidamente será vital para a saúde e o bem-estar dos habitantes dos rios da Amazônia. A desnutrição infantil tem consequências ao longo da vida .

Após a pandemia ter passado, deve haver um investimento significativo na redução da pobreza. Isso permitirá que as pessoas enfrentem melhores choques climáticos como o COVID-19. Mas a pobreza deve ser combatida não apenas em termos de renda. Melhorar o saneamento e o acesso à água potável e à saúde também é vital. Com infecções intestinais e doenças evitáveis, como a malária, tão comuns nas áreas rurais, mesmo a dieta mais nutritiva pode não parar a desnutrição.

FONTE: <https://theconversation.com/the-worst-time-for-a-pandemic-how-coronavirus-and-seasonal-floods-are-causing-hunger-in-the-remote-amazon-137729>



## **PNUMA mapeia zoonoses e protege meio ambiente para reduzir riscos de pandemias**

O [Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente \(PNUMA\)](#) está intensificando seu trabalho no mapeamento de ameaças zoonóticas e na proteção do meio ambiente para reduzir o risco de futuras pandemias, como a da COVID-19, que se espalhou por todo o mundo.

No documento [“Trabalhando com o Meio Ambiente para Proteger as Pessoas”](#) divulgado nesta terça-feira (12), o PNUMA mostra como está se ajustando para responder à COVID-19 e apoiar nações e parceiros na reconstrução de um mundo melhor – por meio de bases científicas mais sólidas, políticas que apoiem um planeta mais saudável e investimentos verdes.

A resposta do PNUMA abrange quatro áreas: apoiar nações na gestão de resíduos relacionados ao novo coronavírus; gerar uma mudança transformadora para a natureza e as pessoas, trabalhar para garantir que os pacotes de recuperação econômica criem resiliência a crises futuras e modernizar a governança ambiental global.

“Com a COVID-19, o planeta emitiu seu maior alerta de que a humanidade precisa mudar”, afirmou a diretora-executiva do PNUMA, Inger Andersen.

“Suspender as economias é uma resposta de curto prazo ao alerta. É uma medida que não vai durar. Economias que trabalhem com a natureza são essenciais para garantir que as nações do mundo prosperem.”

No intuito de apoiá-las em seus esforços para lidar com os impactos socioeconômicos e ambientais da COVID-19, o PNUMA coordenará seu trabalho com o restante do sistema das Nações Unidas.

#### **Exemplos das intervenções incluem:**

Apoiar os tomadores de decisão a lidarem com um maior volume de resíduos perigosos – como equipamentos de proteção individual, equipamentos eletrônicos e produtos farmacêuticos – de forma que não prejudiquem ainda mais a saúde humana ou o meio ambiente.

Criar um programa de risco e resposta a zoonoses para aperfeiçoar as habilidades dos países de reduzir ameaças por meio de abordagens ambientais positivas – incluindo um novo mapeamento global dos riscos do comércio irregular de animais silvestres, da fragmentação de habitats e da perda de biodiversidade.

Promover oportunidades de investimento na natureza e na sustentabilidade como parte da resposta à crise do COVID-19 – inclusive por meio de fundos que o PNUMA gerencia e por pacotes de estímulo econômico que os países estão planejando.

Alcançar os verdadeiros agentes econômicos para remodelarem, ampliarem e acelerarem o consumo e a produção sustentáveis e criarem empregos verdes – fazendo parcerias com agências da ONU, órgãos financeiros, governos e instituições do setor privado, bem como revitalizando mercados e cadeias de suprimentos para produtos ecológicos e sustentáveis.

Reavaliar as implicações de mover a governança ambiental e o multilateralismo para plataformas de reuniões online, reduzindo o impacto ambiental.

“A ideia de que um mundo natural próspero é essencial para a saúde humana, as sociedades e as economias sempre foi central para o trabalho do PNUMA”, disse Andersen.

“Mas agora devemos fornecer ainda mais apoio aos países, enquanto eles reduzem o risco de futuras pandemias por meio da restauração de ecossistemas e da biodiversidade, combate à mudança do clima e redução da poluição.”

**FONTE:** [https://wedocs.unep.org/bitstream/handle/20.500.11822/32218/UNEP\\_COVID.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://wedocs.unep.org/bitstream/handle/20.500.11822/32218/UNEP_COVID.pdf?sequence=1&isAllowed=y)



## **OMS: ‘O impacto da pandemia na saúde mental das pessoas já é extremamente preocupante’**

“O impacto da pandemia na saúde mental das pessoas já é extremamente preocupante”, [afirmou](#) nesta quarta-feira (14) Tedros Adhanom Ghebreyesus, [diretor-geral](#) da Organização Mundial da Saúde (OMS). “O isolamento social, o medo de contágio e a perda de membros da família são agravados pelo sofrimento causado pela perda de renda e, muitas vezes, de emprego.”

De acordo com um documento das Nações Unidas lançado pelo secretário-geral, a pandemia de COVID-19 está destacando a necessidade de aumentar urgentemente o investimento em serviços de saúde mental ou arriscar um aumento maciço de condições de saúde mental nos próximos meses.

Os relatórios já indicam um aumento nos sintomas de depressão e ansiedade em vários países. Um estudo realizado na Etiópia em abril de 2020 relatou um aumento de três vezes na prevalência de sintomas de depressão. em comparação com as estimativas antes da epidemia.

Grupos populacionais específicos correm um risco particular de sofrimento psicológico relacionado à COVID-19. Os profissionais de saúde da linha de frente, confrontados com cargas de trabalho pesadas, decisões de vida ou morte e risco de infecção, são particularmente afetados.

Durante a pandemia, na China, os profissionais de saúde relataram altas taxas de depressão (50%), ansiedade (45%) e insônia (34%) e, no Canadá, 47% dos profissionais de saúde relataram a necessidade de suporte psicológico.

Crianças e adolescentes também estão em risco. Pais e mães na Itália e na Espanha relataram que seus filhos tiveram dificuldades em se concentrar, além de irritabilidade, inquietação e nervosismo.

As medidas para ficar em casa têm um risco aumentado de as crianças testemunharem ou sofrerem violência e abuso. Crianças com deficiência, crianças em ambientes lotados e aquelas que vivem e trabalham nas ruas são particularmente vulneráveis.

Outros grupos que correm um risco particular são as mulheres, particularmente aquelas que estão fazendo malabarismos com a educação em casa e trabalhando em tarefas domésticas; pessoas idosas e quem possui condições de saúde mental preexistentes.

Um estudo realizado entre com jovens com histórico de condições de saúde mental residentes no Reino Unido relata que 32% deles concordaram que a pandemia havia piorado sua saúde mental.

Um aumento no consumo de álcool é outra área de preocupação dos especialistas em saúde mental. Estatísticas do Canadá relatam que 20% das pessoas de 15 a 49 anos aumentaram seu consumo de álcool durante a pandemia.

### **Serviços de saúde mental interrompidos**

O aumento no número de pessoas que precisam de serviços de saúde mental ou apoio psicossocial foi agravado pela interrupção dos serviços de saúde física e mental em muitos países.

Além da conversão de instalações de saúde mental em instalações de atendimento a pessoas com COVID-19, os sistemas de assistência foram afetados pela equipe de saúde mental infectada pelo vírus e pelo fechamento dos serviços presenciais.

Serviços comunitários, como grupos de autoajuda para dependência de álcool e drogas, em muitos países não conseguem se reunir há vários meses.

“Agora está claro que as necessidades de saúde mental devem ser tratadas como um elemento central de nossa resposta e recuperação da pandemia de COVID-19”, afirmou Tedros.

“Essa é uma responsabilidade coletiva dos governos e da sociedade civil, com o apoio de todo o Sistema das Nações Unidas. Uma falha em levar o bem-estar emocional das pessoas a sério levará a custos sociais e econômicos a longo prazo para a sociedade”, acrescentou o chefe da OMS.

### **Encontrando maneiras de fornecer serviços**

Em termos concretos, é fundamental que as pessoas que vivem com condições de saúde mental tenham acesso contínuo ao tratamento. Mudanças nas abordagens da prestação de assistência à saúde mental e apoio psicossocial estão mostrando sinais de sucesso em alguns países.

Em Madri, quando mais de 60% dos leitos de saúde mental foram convertidos para cuidar de pessoas com COVID-19, sempre que possível, pessoas com condições severas foram transferidas para clínicas particulares para garantir a continuidade dos cuidados.

Os formuladores de políticas locais identificaram a psiquiatria de emergência como um serviço essencial para permitir que os profissionais de saúde mental continuem os serviços ambulatoriais por telefone.

Foram organizadas visitas domiciliares para os casos mais graves. Equipes do Egito, Quênia, Nepal, Malásia e Nova Zelândia, entre outros, relataram a criação de maior

capacidade de linhas telefônicas de emergência para a saúde mental, para alcançar as pessoas necessitadas.

O apoio a ações comunitárias que fortaleçam a coesão social e reduzam a solidão, principalmente para os mais vulneráveis, como os idosos, deve continuar. Esse apoio é necessário por parte do governo, autoridades locais, setor privado e membros do público em geral, com iniciativas como fornecimento de pacotes de alimentos, checagens regulares por telefone com pessoas que moram sozinhas e organização de atividades virtuais para estímulo intelectual e cognitivo.

### **Uma oportunidade de reconstruir melhor**

“A ampliação e reorganização dos serviços de saúde mental que agora são necessários em escala global é uma oportunidade para construir um sistema de saúde mental adequado para o futuro”, disse Dévora Kestel, diretora do Departamento de Saúde Mental e Uso de Substâncias da OMS.

“Isso significa desenvolver e financiar planos nacionais que mudam o atendimento das instituições para os serviços comunitários, garantindo cobertura para condições de saúde mental em pacotes de seguro de saúde e desenvolvendo a capacidade de recursos humanos para oferecer saúde mental e assistência social de qualidade na comunidade”, acrescentou.

Informe-se em [paho.org/bra/covid19](https://paho.org/bra/covid19) e [onu.org.br/coronavirus](https://onu.org.br/coronavirus).

FONTE: [https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/un\\_policy\\_brief-covid\\_and\\_mental\\_health\\_final.pdf](https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/un_policy_brief-covid_and_mental_health_final.pdf)



## **ONU realça apoio de religiões no combate e recuperação da covid-19**

As Nações Unidas juntaram líderes religiosos em encontro que esta terça-feira debateu como estes podem ajudar a enfrentar os desafios da covid-19.

Com os membros do islamismo, cristianismo e judaísmo estiveram ainda o alto representante da Aliança das Civilizações, Miguel Ángel Moratinos, e o assessor especial do secretário-geral para a Prevenção do Genocídio, Adama Dieng.

### **Recuperação**

O secretário-geral, António Guterres, apresentou quatro áreas prioritárias em que estes líderes podem atuar com soluções para combater a doença e ajudar na recuperação pós pandemia.





ONU pediu aos líderes religiosos que impulsionem suas redes e capacidades de comunicação., by Foto ONU/Rick Bajornas

Para o chefe da ONU, diante de um mundo marcado por conflitos, os líderes devem desafiar ativamente as mensagens imprecisas e prejudiciais contribuindo ao seu apelo de cessar-fogo. Ele pediu ainda que seja promovida a não-violência e que se rejeitem atos como a xenofobia, o racismo e todas as expressões de intolerância.

Guterres lembrou que a violência a mulheres e meninas tem aumentado de forma alarmante, ao instar aos líderes religiosos a condenar categoricamente tais atos e “apoiem os princípios comuns de parceria, igualdade, respeito e compaixão”.

Em terceiro lugar, Guterres mencionou o combate às informações enganosas e erradas. O pedido aos líderes religiosos é que impulsionem suas redes e capacidades de comunicação em favor dos governos na promoção de medidas de saúde pública.

### **Cerimônias religiosas**

O secretário-geral destacou as recomendações da Organização Mundial da Saúde que vão desde o distanciamento físico à boa higiene, ao pedir garantias de “que ações religiosas, incluindo adoração, cerimônias e práticas funerárias, cumpram essas medidas”.

Por último, o chefe da ONU lembrou que a maioria de estudantes do mundo está fora das escolas ou universidades. Ele apelou ao apoio à continuação da educação e que líderes religiosos atuem junto aos provedores destes serviços em “busca de soluções para que o aprendizado nunca pare”.

Na reunião, o presidente da Assembleia Geral, Tijjani Muhammad Bande pediu mais ações contra o incitamento ao ódio e em favor da defesa das necessidades de populações mais frágeis.

### **Marginalizados**



O representante destacou que os níveis de pobreza poderão aumentar para até 500 milhões de pessoas, na maior subida das últimas décadas. Entre os mais afetados estão mulheres, crianças, pessoas com deficiência, idosos, marginalizados e deslocados.

Para Muhammad Bande é preciso transformar a crise em oportunidade e reconstruir melhor.

FONTE: [https://news.un.org/pt/story/2020/05/1713322?utm\\_source=ONU+News+-+Newsletter&utm\\_campaign=d286eaa0b1-](https://news.un.org/pt/story/2020/05/1713322?utm_source=ONU+News+-+Newsletter&utm_campaign=d286eaa0b1-)

[EMAIL\\_CAMPAIGN\\_2020\\_05\\_13\\_12\\_35&utm\\_medium=email&utm\\_term=0\\_98793f891c-d286eaa0b1-105027597](https://news.un.org/pt/story/2020/05/1713322?utm_source=ONU+News+-+Newsletter&utm_campaign=d286eaa0b1-EMAIL_CAMPAIGN_2020_05_13_12_35&utm_medium=email&utm_term=0_98793f891c-d286eaa0b1-105027597)



## OPAS manifesta preocupação com rápida expansão da pandemia nas Américas



Peruanos têm a temperatura medida em Lima. Foto: Município de Lima

A diretora da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), Carissa F. Etienne, pediu aos países que abordem as emergências de saúde, sociais e econômicas da COVID-19 juntas, expressando profunda preocupação com a rápida expansão da pandemia do novo coronavírus nas Américas.

“A pandemia nos forçou a lidar com três emergências ao mesmo tempo: a de saúde, a social e a econômica. Para ter sucesso, precisamos de uma abordagem conjunta”, disse Etienne.

“Os países devem apoiar suas economias enquanto constroem fortes redes de proteção social e adotam medidas de saúde pública baseadas em evidências, essenciais para salvar vidas”.

A diretora da OPAS alertou para a rápida expansão da COVID-19 no continente americano. “Nossa região levou três meses para atingir 1 milhão de casos, mas menos

de três semanas para atingir quase o dobro desse número”, pontuou. Mais de 1,74 milhão de casos da doença foram relatados nas Américas, com mais de 104 mil mortes.

A necessidade de controlar a pandemia é urgente, uma vez que, na semana passada, houve um aumento relativo de 18% nos casos e de 23% nas mortes em comparação à semana anterior na região.

Entre 4 e 11 de maio, mais de 96 mil casos adicionais, incluindo 5.552 mortes, foram relatados na América do Sul. Isso representa um aumento relativo de 45% nos casos e de 51% nas mortes em comparação com a semana anterior.

Na América do Sul, os sistemas de saúde em grandes centros urbanos, como Lima e Rio de Janeiro, estão ficando rapidamente sobrecarregados. O impacto da COVID-19 nas grandes cidades da bacia amazônica também se estende a “cidades menores e comunidades remotas, incluindo áreas indígenas, onde o acesso à assistência médica é desafiador”, disse Etienne.

A OPAS continua a coordenar a resposta entre os países, “mas pedimos às autoridades nacionais e locais de saúde que trabalhem ainda mais estreitamente para conter a disseminação do vírus e apoiar a capacidade do sistema de saúde”, disse a diretora da Organização em uma entrevista coletiva realizada na terça-feira (12).

### **Economia e saúde pública**

Etienne observou que o aumento do desemprego está levando milhões de famílias à pobreza. “Enquanto permanecermos neste estágio perigoso da pandemia, recursos financeiros são necessários para ajudar as pessoas a lidarem com os impactos econômicos de ficar em casa ou sem trabalho. Isso é essencial para manter o vírus sob controle e reduzir a duração dessa crise em cada país”.

“Os chefes de Estado e os ministros da Saúde e Economia enfrentam o mesmo dilema: como manter sua população segura e também proteger os meios de vida de famílias e comunidades. É um equilíbrio difícil de encontrar, mas não impossível”, alegou a diretora da OPAS.

Etienne anunciou que a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e a OPAS trabalharão juntas para moldar um novo paradigma, no qual sistemas de saúde resilientes e cobertura universal de saúde sejam vistos como chave para o crescimento econômico e a proteção social.

“Somente quando controlarem a transmissão, os países estarão em condições de implementar um período de transição cauteloso e bem planejado”, afirmou a diretora da OPAS, organismo internacional que está trabalhando em estreita colaboração com o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o Banco Mundial e outros para ajudar a coordenar a resposta econômica à pandemia, observou.

“A COVID-19 nos lembra de que, quando investimos em sistemas de saúde, mantemos nossas pessoas seguras e nossas economias fortes. Quando garantimos o acesso aos serviços de saúde para todos, reduzimos a desigualdade e construímos sociedades mais resilientes”, finalizou Etienne.

FONTE: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6167:dir-etora-da-opas-pede-que-paises-abordem-emergencias-de-saude-social-e-economica-a-medida-que-covid-19-se-espalha-nas-americas&Itemid=812](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6167:dir-etora-da-opas-pede-que-paises-abordem-emergencias-de-saude-social-e-economica-a-medida-que-covid-19-se-espalha-nas-americas&Itemid=812)



## Concentração global de CO2 bate recorde mesmo durante crise da COVID-19

Nas últimas semanas, à medida que o mundo parava para combater a pandemia de coronavírus, houve muitos relatos de melhoria na qualidade do ar em alguns lugares. No entanto, ninguém deve pensar que a crise climática está resolvida.

Os dados mais recentes da Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos Estados Unidos (NOAA) mostram que os níveis globais de dióxido de carbono (CO2) estão aumentando acentuadamente.

Em abril de 2020, a concentração média de CO2 na atmosfera era de 416,21 partes por 1 milhão (ppm), a mais alta desde o início das medições, que começaram em 1958, no Havaí.

A Sala Mundial de Situação Ambiental do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) mostra um aumento representativo de mais de 100 ppm nas concentrações de CO2 desde março de 1958.

A curva indica flutuações sazonais esperadas: o Hemisfério Norte possui maior massa de terra que o Hemisfério Sul e a vegetação absorve mais CO2 durante o verão.

No Hemisfério Norte, o pico de concentração de CO2 acontece ao final do inverno, em maio, pois, com o frio, a Terra tem menos processos de fotossíntese e, portanto, os níveis de CO2 sobem até o próximo ciclo.

Quando, então, a fotossíntese volta a ocorrer e as novas folhagens aparecem, elas voltam a absorver CO2, diminuindo as concentrações em cerca de 7,5 ppm até outubro.

Contudo, devido às emissões antropogênicas (liberadas por atividades humanas), as concentrações de CO2 estão aumentando rapidamente.

O gráfico a seguir mostra a diferença nos níveis entre o mesmo mês em diferentes anos (há, por exemplo, um acréscimo de mais de 2,88 ppm entre abril de 2019 e abril de 2020).

Isso mostra que, embora na década de 1960 o aumento em um ano tenha sido de cerca de 0,9 ppm, no período de 2010-2019 a média foi de 2,4 ppm. Há uma tendência ascendente claramente acelerada.

### **A visão de longo prazo**

Usando registros do núcleo de gelo, é possível medir o CO<sub>2</sub> aprisionado pelo gelo na Antártica, que remonta a 800 mil anos atrás. Desse período até hoje, nunca tínhamos atingido 416 ppm.

Dado que o Homo sapiens apareceu cerca de 300 mil anos atrás e o primeiro vestígio do Homo sapiens sapiens (também conhecido como ser humano) data de 196 mil anos atrás, nenhum indivíduo de nossa espécie jamais vivenciou níveis tão altos de CO<sub>2</sub>.

“Isso é, obviamente, uma grande preocupação para o clima e demonstra, mais uma vez, que ações urgentes são necessárias para reduzir as emissões de gases de efeito estufa. Para manter a média de aquecimento global em 1,5°C, precisamos zerar as emissões líquidas até 2040 – no mais tardar, até 2055”, disse o diretor do GRID-Genebra do PNUMA e gerente de programas da Sala Mundial de Situação Ambiental, Pascal Peduzzi.

Esses resultados podem ser surpreendentes para aqueles que assumem com otimismo que a COVID-19 reduzirá as emissões globais totais.

Embora seja verdade que o tráfego veicular e aéreo, bem como a atividade industrial, tenham sido drasticamente reduzidos na maior parte do mundo desde janeiro de 2020, esse não é o caso do consumo de eletricidade. De acordo com o Panorama Energético Mundial 2019, 64% das fontes globais de energia elétrica provêm de combustíveis fósseis (carvão: 38%, gás: 23%, petróleo: 3%).

Os sistemas de aquecimento estão funcionando como antes da COVID-19 e nenhuma das questões fundamentais mudou – como a busca por energia renovável, o uso de transporte público e o fim do desmatamento.

Além disso, incêndios florestais mais frequentes e severos, provocados pela mudança climática e outras origens, continuam afetando países como Brasil, Honduras, Mianmar, Tailândia e Venezuela, emitindo grandes quantidades de CO<sub>2</sub> adicional.

“Sem mudanças fundamentais na produção global de energia, não teremos motivos para esperar uma redução duradoura dessas emissões”, afirmou o especialista em mudanças climáticas do PNUMA, Niklas Hagelberg.

“A COVID-19 nos dá a oportunidade de medir os riscos que estamos assumindo com o relacionamento insustentável com o meio ambiente e de aproveitarmos para

reconstruir nossas economias de maneira mais ecológica. Devemos levar em consideração as ameaças globais, como pandemias e desastres climáticos, a fim de criar mercados, empresas, países e sistemas globais resilientes e gerar um futuro saudável e sustentável para todos.”

“Apoiar o estímulo fiscal e os pacotes financeiros para aproveitar a descarbonização e a transição acelerada para energias limpas e renováveis não será apenas uma vitória econômica de curto prazo, mas também uma vitória para a resiliência futura”, acrescentou.

FONTE: <https://www.unenvironment.org/pt-br/noticias-e-reportagens/reportagem/concentracao-global-de-co2-bate-recorde-mesmo-durante-crise-do>



## Noções básicas de comunicação de risco

Este guia fornece uma visão geral das melhores práticas de comunicação de risco. Também estão incluídas informações sobre como e por que as pessoas percebem os riscos de maneira diferente, como aprender mais sobre o público e maneiras de estruturar respostas, bem como exemplos de conversas para ilustrar essas técnicas. Os gerentes costeiros encontrarão exemplos e dicas para trabalhar com os residentes para explorar soluções e tomar decisões para melhorar a resiliência das comunidades costeiras.

O guia destaca:

- Apresentar os mesmos fatos repetidamente não representa uma comunicação eficaz de riscos. Os comunicadores precisam entender por que as pessoas respondem ou se comportam da maneira que fazem e como suas mentes às vezes trabalham contra seus próprios interesses quando se trata de perceber riscos.
- A compreensão dessa dinâmica pode ajudar os funcionários a serem estratégicos em suas comunicações, com o melhor resultado sendo vidas salvas e esforços de resiliência que desfrutem de forte apoio da comunidade.
- Embora não exista comunicação ou palavras perfeitas que mudem automaticamente a mente das pessoas, é mais provável que o público ouça e responda a mensagens que destacam o que é importante para elas, afirmem o que acreditam e forneçam caminhos realistas e adequados para lidar com os riscos.
- O uso de várias fontes confiáveis para transmitir a mensagem ajuda as pessoas a superar barreiras mentais e a reconhecer riscos e impactos pessoais.

- A mudança não ocorre da noite para o dia ou após uma única interação. Uma boa comunicação de risco é um processo contínuo. Este guia é uma introdução a alguns dos princípios das ciências sociais que afetam a percepção e a comunicação de riscos. E a prática é um pré-requisito para dominar verdadeiramente os métodos descritos neste guia.

FONTE: <https://coast.noaa.gov/data/digitalcoast/pdf/risk-communication-basics.pdf>



ScienceDirect

## **Estrutura operacional para comunicação de risco de inundação**

A comunicação de risco é um processo mútuo de compreensão do risco entre as partes interessadas e representa uma medida para integrar o conhecimento leigo em medidas para prevenir, mitigar e lidar com o risco. A comunicação de crises de inundação, que ocorre diante do perigo que se aproxima, precisa de uma abordagem prática e operacional para lidar com desastres naturais potencialmente destrutivos em larga escala. Como as inundações são um dos georiscos mais previsíveis, a comunicação é um meio eficiente de reduzir riscos, principalmente reduzindo a exposição das pessoas.

Muitos autores discutiram a natureza da comunicação de riscos. Em relação ao risco de inundação, a maioria dos trabalhos é dedicada a planos de comunicação de longo prazo, mas faltam indicações mais práticas sobre como se comunicar durante - ou pouco antes - de uma emergência (esperada).

Portanto, apresentamos aqui uma estrutura que fornece recomendações sobre quais devem ser as informações transmitidas em uma mensagem de alerta de inundação e com qual meio de comunicação deve ser emitido, dependendo do nível de criticidade da inundação esperada, sobre os recursos da instituição responsável por o aviso e as vantagens específicas de cada meio. Portanto, a estrutura mostrada neste documento fornece um manual fácil de empregar para os operadores de proteção civil para definir o conteúdo, a forma e o meio adequados para as mensagens de aviso para a população. Essa estrutura aborda questões comuns, como a possibilidade de alarmes falsos ou a falta de pessoal encarregado da comunicação de riscos, bem como o papel das mídias sociais (e seus limites), que em muitos casos ainda não são bem compreendidas.

FONTE: <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S2212420919310192?token=4C315E4E029357EE82506F643ED35F203E37DDF5D43991CAAC1FB9401965DE1C302D1DC0C7A70722A0BE793BEF3FE7EB>

## **INFORMAÇÕES**

### **PROMOTOR BRASIL**

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

### **CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO**

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

### **REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA**

<http://www.cidadesresilientes.net/>

### **PREVENTIONWEB**

<http://www.preventionweb.net/english/>

### **SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL**

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>